

ARTE EM TEMPOS SOMBRIOS



caderno de resumos



Imagem:

Lydio Bandeira de Mello

Leopoldina MG 1929. Vive no Rio de Janeiro – RJ.

Sem título, 2019

Carvão crayon e pastel seco, 75 x 55 cm

Acervo Lydio Bandeira de Mello.

Crédito Fotográfico: Rafael Bteshe.

41º. Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte

ARTE EM TEMPOS SOMBRIOS

caderno de resumos

Evento virtual

2021



41º Colóquio do Comitê Brasileiro de
História da Arte

23 a 27 de novembro de 2021

Arte em
Tempos Sombrios



41º COLÓQUIO DO COMITÊ BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE: *ARTE EM TEMPOS SOMBRIOS*

Evento virtual

23 a 27 de novembro de 2021

Diretoria do CBHA (Gestão 2020 - 2022)

Marco Pasqualini de Andrade (UFU) – Presidente

Neiva Bohns (UFPeL) – Vice-Presidente

Rogéria Moreira de Ipanema (UFRJ) - Secretária

Arthur Valle (UFRRJ) - Tesoureiro

Comissão de Organização

Marco Antonio Pasqualini de Andrade (UFU/CBHA) (presidente)

Arthur Valle (UFRRJ/CBHA)

Marize Malta (UFRJ/CBHA) Neiva Bohns (UFPeL/CBHA)

Rogéria Moreira de Ipanema (UFRJ/CBHA)

Sandra Makowiecky (UDESC/CBHA)

Comitê Científico

Almerinda Lopes (UFES/ CBHA)

Arthur Valle (UFRRJ/CBHA) Bianca Knaak (UFRGS/ CBHA)

Blanca Brittes (UFRGS/CBHA)

Camila Dazzi (CEFET-RJ/ CBHA)

Fernanda Pequeno (UERJ/ CBHA)

Fernanda Pitta (Pinacoteca-SP/ CBHA)

Marco Pasqualini de Andrade (UFU/CBHA)

Maria do Carmo de Freitas Veneroso (UFMG/CBHA)

Maria Izabel Branco Ribeiro (FAAP/ CBHA)

Marília Andrés Ribeiro (UFMG/CBHA)

Neiva Bohns (UFPeL/CBHA)

Niura A. Legramante Ribeiro (UFRGS/ CBHA)

Paulo César Ribeiro Gomes (UFRGS/ CBHA)

Raquel Quinet Pifano (UFJF/CBHA)

Rogéria Moreira de Ipanema (UFRJ/ CBHA)

Vera Pugliese (UnB/ CBHA)

Equipe de Produção

Coordenação geral

Rogéria de Ipanema (UFRJ/CBHA)

Coordenação das equipes

Martha Werneck de Vasconcellos (EBA-UFRJ)

Pós-graduação em Artes Visuais (PPGAV-EBA-UFRJ)

Debora Camilo dos Santos

Gabriel Pereira

Licius da Silva

Paulo Cesar Holanda

Bacharelado de História da Arte (EBA-UFRJ)

Carlos Henrique de S. Fernandes

Caroline de Castro Miranda

Julia Poina

Lorena Kock Nascimento

Lucas Gibson



O ESTÚDIO FOTOGRÁFICO DE ALAIR GOMES COMO REINVENÇÃO DA FLÂNERIE

ALEXANDRE SANTOS

UFRGS/CBHA alesan@terra.com.br

RESUMO EXPANDIDO

Como linguagem que ultrapassou os limites técnicos sobre o que pode captar, a imagem fotográfica na contemporaneidade trouxe um imenso repertório de temas complexos à disposição dos artistas. No que se refere às representações do corpo e do desejo, a criação fotográfica contemporânea apresenta inúmeros recursos para promover a revisão das narrativas fotográficas consolidadas e suas relações intrínsecas de poder. Por exemplo, nas tensões que envolvem as instâncias do público e do privado, inevitavelmente ligadas às performatividades do corpo que respondem a modelos escopofílicos hegemônicos, cujo poder narrativo influencia na representação da diferença sexual. Homens e mulheres nesta perspectiva nunca tiveram as mesmas condições de representação dos seus desejos, do mesmo modo que as representações dos corpos de homens e mulheres nunca foram vistas igualmente como objetos de desejo.

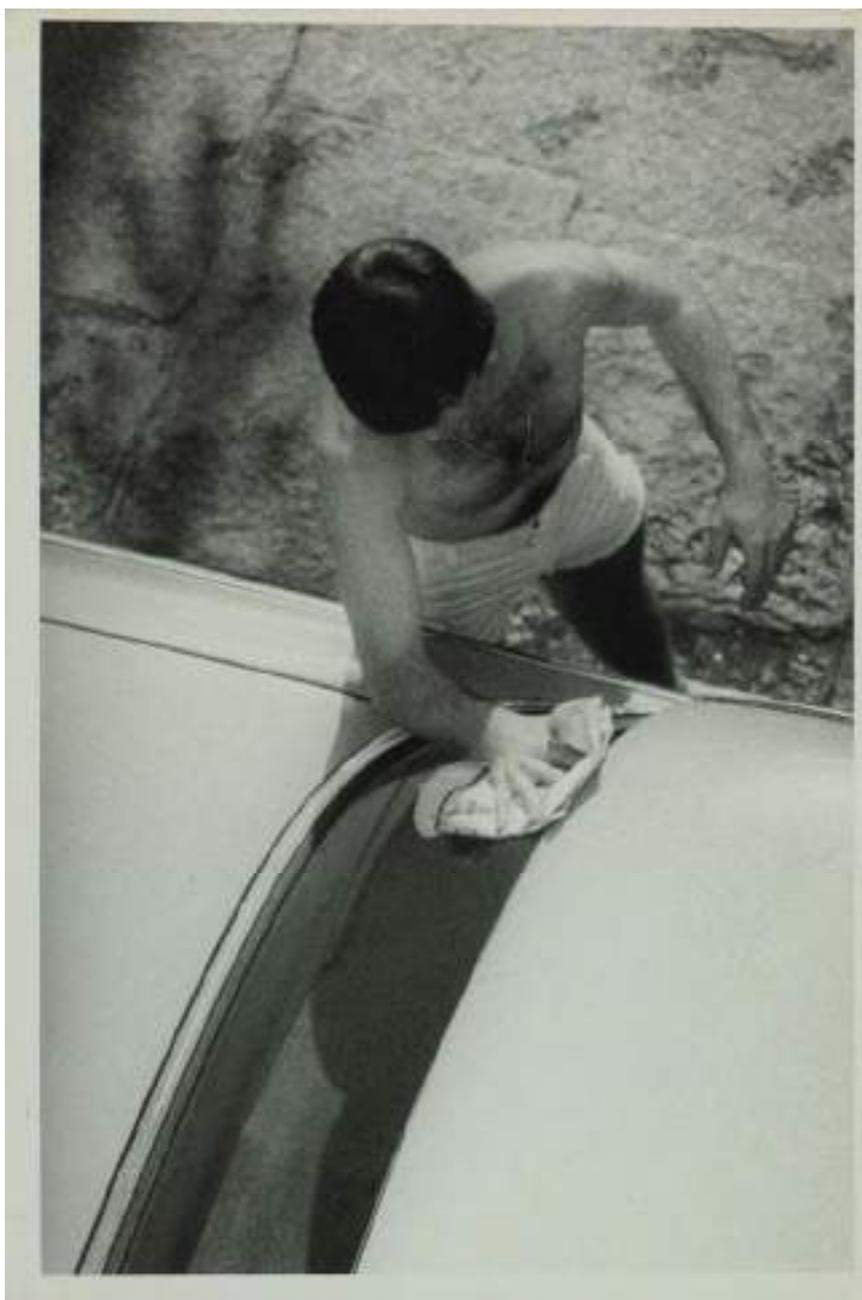
A partir de tais premissas, esta comunicação propõe uma abordagem de dois agrupamentos de trabalhos do artista fluminense Alair Gomes (1921-1992), produzidos durante os anos 1970 e 1980, nos quais o estúdio fotográfico ocupa um lugar fundamental. O primeiro agrupamento relaciona-se a séries que se configuram a partir do que eu chamo de *poética do longe*, ou seja, está relacionado à captação de imagens de rapazes a partir da janela do apartamento/estúdio do artista, vinculadas à apropriação de seus corpos e a uma construção narrativa que independe do consentimento dos fotografados. Já o segundo, relaciona-se a séries do artista vinculadas ao que eu chamo de *poética do perto*, ou seja, imagens que são produzidas a partir do consentimento dos fotografados, em longas sessões de pose, realizadas na intimidade do apartamento/estúdio do artista. No primeiro caso a análise vai privilegiar a série *The No-Story of a Driver* (1977-1980) e, no segundo, a composição intitulada *Symphony of Erotic Icons* (1966-1977).

O estúdio do artista é pensado tanto como o lugar nutriz dos dois agrupamentos poéticos em questão como também o lugar que se oferece como proteção e refúgio para viabilizar o seu processo de criação, que se dá como uma espécie de reinvenção da flânerie que o protege das hostilidades e violências do contexto histórico de fechamento político da ditadura militar e serve também como refúgio e resistência aos apagamentos impostos à sua produção contradiscursiva ao desejo heteronormativo.

PALAVRAS-CHAVE:

Alair Gomes, Contradiscorso, Performatividades do Corpo, Arte Contemporânea, Fotografia

IMAGENS:



ALAIR GOMES: *Fragmento de The No-Story of a Driver*, c.1977-80
Coleção Fundação Biblioteca Nacional
Rio de Janeiro.



ALAIR GOMES: Fragmento de *Symphony of Erotic Icons*, 1966-1977.
Coleção Fundação Biblioteca Nacional
Rio de Janeiro